

AUTORIA

Por um cinema "kaufmaniano"

Um dos roteiristas mais criativos na ativa em Hollywood tem o trabalho dissecado em livro que procura desvendar o seu inusitado processo de criação

FÁBIO FREIRE
Repórter

Um titeiro que entra na mente do ator John Malkovich através de um portal metafísico. Um escritor em crise criativa que se percebe personagem da trama que está escrevendo. Um desiludido que quer apagar a ex-namorada da memória. Personagens inusitados de enredos criativos. Todos saídos da cabeça de Charlie Kaufman, roteirista oscarizado que já virou grife em Hollywood. Uma figura tão deslocada do esquema industrial do cinemão norte-americano quanto seus personagens. Um dos poucos roteiristas que conseguiu ultrapassar a barreira do anônimo e alcançar o mesmo patamar de estrelato que atores conhecidos e diretores renomados.

Charlie Kaufman e seu trabalho são o tema do livro "O Jogo da Reinvenção. Charlie Kaufman e o lugar do autor no cinema", da doutora em cinema Cecilia Sayad. A partir do universo imaginário criado pelo roteirista e de seu processo criativo, Sayad busca discutir a trajetória da autoria na sétima arte. Para isso, ela usa, através de uma linguagem mais ensaísta e menos fechada e acadêmica, Kaufman como exemplo para ampliar a questão da autoria, deslocando os holofotes dos cineastas e criando o conceito de "roteirista-autor".

Ousadia criativa

No livro, Sayad promove uma reflexão sobre o espaço inusitado do roteirista no cinema, e a posição privilegiada que Kaufman assume perante seus pares serve como um excelente estudo de caso. Mesmo trabalhando com diretores de indiscutível talento

ENSAIO

ALAMEDA
2008
64 PÁGINAS
R\$ 22

O jogo da reinvenção

Cecilia Sayad

narrativo e visual, caso de Spike Jonze ("Quero Ser John Malkovich" e "Adaptação") e Michel Gondry ("A Natureza Quase Humana" e "Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças"), os roteiros de Kaufman imprimem a marca pessoal do autor graças a seus textos que trazem temáticas em comum.

Segundo Cecilia Sayad, isso só é possível em virtude da ousadia criativa presente nos enredos desenvolvidos por Kaufman, já que ele sempre apela para o uso de alegorias e criativas formas de desenrolar a trama. Se as obras de Kaufman - que recentemente estreou na direção de longas com o ainda inédito em Fortaleza "Sinédoque, Nova York" - transgridem o modelo clássico de narrativa, elas também criam um sentido próprio ligado à visão de mundo do roteirista, fornecendo elementos estruturais que demandam uma estética bem peculiar a seus filmes, ainda que estes sejam dirigidos por cineastas de diferentes estilos.

Tramas surrealistas

Universo estranho, permeado de pessoas esquisitas, descabeladas ou de cabelo laranja ou azul, de acordo com a autora do livro, Charlie Kaufman expõe suas obsessões em seus roteiros (que, além dos títulos já citados, conta ainda com a estréia do ator George Clooney na direção, "Confissões de uma Mente Perigosa", em sua filmografia) e cria tramas cuja imaginação dita o conteúdo visual dos longas.

Entre as temáticas preferidas e mais recorrentes, em uma



carreira ainda breve, Kaufman explora o desejo de habitar um outro corpo (esse considerado como uma espécie de prisão), a capacidade de falar de si mesmo e o embate entre a clausura e a expansão de um eu. A memória também é um assunto recorrente e tal característica levou a crítica a taxar suas tramas como surrealistas.

Surreais, esquizofrênicas, narrativamente ousadas. Não importa o rótulo, Charlie Kaufman constrói personagens perdidos e desajustados e os insere em enredos que os colocam à

beira de um ataque de nervos. Usa ainda o tédio, o humor auto-depreciativo, diálogos nonsense, o caráter absurdo e a falta de linearidade para passear entre a autonomia de um romancista e o controle de um cineasta, expondo suas fantasias em produções cinematográficas que fogem do lugar comum. Com um texto leve, "O Jogo da Reinvenção" coloca lentes de aumento na obra de um "roteirista-autor" de estilo único e que nem o mais oportunista roteirista de Hollywood pode copiar. ■

Charlie Kaufman: considerado um dos melhores roteiristas da atualidade, o autor tem seu trabalho como tema de livro

CINEMA

Uma sonoridade nacional

Um livro de pesquisador reafirma a importância do uso do som como recurso narrativo essencial em filmes nacionais

Reza a lenda que o som no cinema nacional é um dos principais defeitos. Durante as décadas de 1970 e 1980, a baixa qualidade do som dos filmes brasileiros afugentava o público e atribuía uma característica amadora à sétima arte no País. Depois da retomada do cinema nacional, em meados dos anos 1990, esse problema ficou para trás e o som tem ganhado destaque em filmes como "Cidade de Deus" e "Tropa de Elite", por exemplo.

Recurso narrativo de extrema

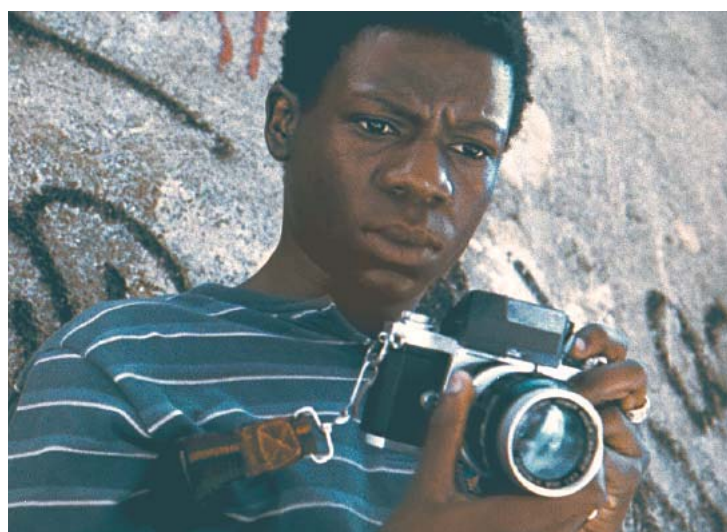
PESQUISA

7LETRAS
2008
260 PÁGINAS
R\$ 29

O Som no Cinema Brasileiro

Fernando Moraes da Costa

importância no cinema, o som ainda fica em segundo plano quando se fala em pesquisas acadêmicas sobre a sétima arte. O livro "O Som no Cinema Brasileiro", de Fernando Moraes da Costa, chega para suprir uma lacuna



Filmes recentes, como "Cidade de Deus", por exemplo, comprovam a excelência técnica do som no cinema nacional

de bibliografia nacional sobre o tema. Se nos Estados Unidos e Inglaterra, o som e a música são o foco de várias pesquisas, no Brasil, o assunto ainda é pouco explorado e a bibliografia, escassa. Fruto das pesquisas do autor, a

obra traça um painel sobre a evolução do uso do som em filmes nacionais desde os primórdios do cinema no País. Leitura interessante e reveladora, o livro é esclarecedor e apresenta aspectos estéticos e históricos. (FF) ■

Sopa de Letras

NOVA
FRONTEIRA
2009
192 PÁGINAS
R\$ 24,90

No país de Obama

Rodrigo Alvarez

Não se deve deixar enganar pelo título oportunista. Mais que uma análise, guiada por um olhar político, trata-se de um livro de viagem, ainda que aqui e ali desponham episódios em que é evocada a figura do senador negro que chegou à presidência dos EUA. O autor, repórter da TV Globo, cruzou o país em uma viagem de 17 dias e foi a partir de suas impressões e vivências que construiu o livro. Em suas andanças, descreve a diversidade encontrada: brancos, negros, latinos, árabes; cristãos conservadores, mórmons; libertários e reacionários.

7LETRAS
2008
176 PÁGINAS
R\$ 29

O avesso dos sonhos

Adriano Silva Pucci

O paulistano Adriano Pucci conheceu diferentes culturas urbanas, na condição de diplomata. Na literatura, preferiu fazer um outro percurso: mergulhou de cabeça nas imagens e no imaginário do nordeste brasileiro. O Nordeste de Pucci, no entanto, é um Nordeste inventado. Em seus contos, as personagens assumem um caráter típico; estes se encontram em situações que se desenrolam como causos - forma de narrativa oral que o autor procura reinventar na escrita.

AGIR
2009
246 PÁGINAS
R\$ 34,90

O amor fecunda o Universo

Marcelo Barros e Frei Betto

O dominicano Frei Betto e o monge beneditino Marcelo Barros são mais conhecidos por seus escritos e posições políticas. Neste texto, escrito a quatro mãos, investem numa percepção mais alargada da política, ao discutirem as questões ligadas à degradação do meio ambiente. Da Teologia da Libertação, os autores fazem emergir uma proposta para uma espiritualidade ecológica.

COSAC NAIFY
2008
248 PÁGINAS
R\$ 69

Novos fundamentos do design

Ellen Lupton e Jennifer Cole Phillips

Não é de hoje que o designer faz parte do cotidiano do homem que lê. Na virada do século XIX para o XX, o poeta francês Mallarmé já experimentava com o espaço em branco e a tipografia. Aqui, duas especialistas repassam este bê-á-bá para, aos poucos, projetar os avanços do design moderno, até chegar à seus usos mais recentes no campo gráfico. Ao descrever sua teoria, a dupla e econômica e precisa, o que não acontece com os exemplos, que abundam no livro. (DR)